

O Senado se move

Já que os grandes partidos estão paralisados, os senadores se movem. Ontem em torno de um pato ao tucupi, reuniram-se Aloysio Chaves, líder do PDS, Humberto Lucena, líder do PMDB. E um novato no ramo, Fernando Henrique Cardoso, com mais Ibope nos meios acadêmicos, mas que parece ser mais do ramo que seu colega paulista, Severo Gomes, que ainda não disse a que veio.

Entre uma garfada e outra, se indagaram sobre o que podem fazer para tirar o País do atoleiro. Para salvar o processo de abertura política dos perigos que o ameaçam no horizonte próximo. O trio lamentar a falta de apetite do Presidente João Figueiredo pela política.

O senador Murilo Badaró, para que não continuem a acusar a classe política de dormir no ponto enquanto grassam os gansos do Capitólio, vai de Ceca a Meca, propor que o PDS venha, a público, apoiar a moratória negociada com os credores externos.

Bom sinal. Os senadores se movimentam porque as chefias dos grandes partidos se encontram imobilizadas. No que dão razão ao governador do Rio, Leonel Brizola, para quem as frentes são muito grandes. Por isso perdem a leveza. Tornam-se pesadas como paquidermes. São fortes, mas não têm clareza: Por isso, ótimas no diagnóstico. Implodem na terapêutica.

E o que ocorre ao PDS e ao PMDB.

O senador José Sarney não avança um passo porque teme os militares.

O deputado Ulysses Guimarães não se adianta porque recela as patrulhas.

Assim, a coisa não anda nem desata. Aliás, continua a desandar conforme reconheceram, ao café, os três senadores. Porque não se pode colocar a política num cabide e esperar que ela permaneça ali, adverte o baiano Luiz Viana Filho que já era deputado quando este escriba nem nasceria. Porque ela não fica ali estatica. Continua a andar. Tem sua dinâ-

mica.

E o que todo o mundo está notando. E lamentando. O Governo não possui o hábito do diálogo. Não sabe o que fazer com a boa vontade da Oposição. Pior, entre seus integrantes muitos morrem de medo de perder os empregos. Quando pensam em Ulysses Guimarães subindo a rampa do Palácio, não lhes ocorre a salvação nacional. Não se lembram do Pacto de Moncloa que andou muito tempo na boca do oposicionista Fernando Lyra e agora pousou nos lábios do antigo condestável do regime militar, Golbery do Couto e Silva. O que lhes vem à mente é o chomage. Sopram pesadelos, temendo perder as mordomias.

Ulysses até correria o risco de fazer a travessia, se soubesse que o Governo mudara de gênio. De temperamento. Dos maus bofes. Porque o velho routier da democracia não está mais em idade de receber os cascudos que o Presidente Figueiredo reserva para seus deputados, ao voltar de Cleveland. Em meio a coisas tão pequenas, a crise é enorme. Catastrófica.

DA-LHE, DÉLIO!

O ministro da Aeronáutica, brigadeiro Délio Martin Jardim de Mattos, ganhou mais pontos no Ibope nacional, ao desmentir categoricamente a ameaça de candidatura militar à sucessão do Presidente João Figueiredo.

QUEBREI A CARA

Quebrei a cara, ontem, ao pedir, pelo telefone, ao Arcebispo de Olinda e Recife, dom Helder Câmara, entrevista sobre o LEGIAO CEARENSE DO TRABALHO que ele fundou, no início da década de 1930. O velho pastor acha que suas revelações somente irão gerar confusão. E pena. A História fica sem sua palavra sábia.

LUSTOSA DA COSTA